

perceived usefulness; this ease also affects the attitude towards their use; perceived usefulness and attitude towards use are linked to the behavioral intention of using the tools; and the behavioral intention influences the actual use of these tools in education and artistic performance.

The results indicate significant correlations across all dimensions of the Technological Acceptance Model. Most students and teachers are familiar with the use of digital tools in preparing their studies or artistic performances. There are statistical differences in average results considering teaching groups; teachers and students; age groups and the professional courses attended.

### **Referências bibliográficas/References:**

Davis, F. D. (1986). *A technology acceptance model for empirically testing new end-user information systems: Theory and results* (Tese de Doutorado, Sloan School of Management, Massachusetts Institute of Technology). <http://hdl.handle.net/1721.1/15192>

Davis, F. D., Bagozzi, R. P., & Warshaw, P. R. (1989). User acceptance of computer technology: A comparison of two theoretical models. *Management Science*, 35(8), 982-1003. <https://doi.org/10.1287/mnsc.35.8.982>

Davis, F. D., & Venkatesh, V. (1996). Acritical assessment of potential measurement biases in the technology acceptance model: Three experiments. *International Journal of Human-Computer Studies*, 45(1), 19-45. <https://doi.org/10.1006/ijhc.1996.0040>

Granić, A. & Marangunić, N. (2019). Technology acceptance model in educational context: A systematic literature review. *British Journal of Educational Technology*, v50, n5, p. 2572-2593. <http://dx.doi.org/10.1111/bjet.12864>

Hedler, H.; Ferneda, E.; Duarte, B.; Prado, H.; Gutierrez, C. (2016). Aplicação do Modelo de Aceitação de Tecnologia à Computação em Nuvem. *Perspectivas em Gestão & Conhecimento*, v. 6, n. 2, p. 188-207. <https://periodicos.ufpb.br/ojs/index.php/pgc/article/view/26392>

Kirschner, P. A., & van Merriënboer, J. J. (2013). Do learners really know best? Urban legends in education. *Educational Psychologist*, 48(3), 169-183. <https://doi.org/10.1080/00461520.2013.804395>

Papert, S. (1980). *Mindstorms: Children, computers, and powerful ideas*. Basic Books, Inc. Publishers, New York.

Schunk, D. H. (2012). *Learning Theories, an Educational Perspective* (6th ed.). Boston, MA: Pearson Education Inc.

## **MUS-A: ANSIEDADE NA PERFORMANCE MUSICAL EM ADOLESCENTES**

**Sofia Serra**

Departamento de Comunicação e Arte, Universidade de Aveiro (INET-md)  
sofia.serra@ua.pt

Alcançar um elevado nível de controlo das capacidades motoras necessárias para tocar um instrumento não é o único desafio que se coloca aos jovens estudantes que conseguem ingressar nesse meio altamente competitivo dos conservatórios de música. Os requisitos necessários para alcançar uma carreira profissional ou para conseguir um percurso de alto nível durante os estudos, vão muito além desse domínio técnico. Ser músico é uma das atividades mais afetadas pela

ansiedade, quer ao nível profissional quer no meio estudantil. A Ansiedade na Performance Musical (APM) pode afetar até cerca de metade dos alunos entre os 12 e 15 anos de idade [1]. Muitos destes alunos não têm consciência desta limitação, nem acesso a terapias, não reconhecem nem ultrapassam o problema da APM, o que pode resultar muitas vezes no abandono do percurso musical. A APM tem um alcance alargado ao nível psicológico, cognitivo, emocional e comportamental, sendo por isso difícil de definir. Uma das definições mais consensuais é a de Kenny [2] segundo a qual, a ansiedade na performance musical é a experiência de apreensão ansiosa acentuada e persistente relacionada com a performance musical que ocorre através de experiências específicas de condicionamento da ansiedade. Apesar de ainda serem negligenciados nas atuais terapêuticas, os distúrbios psicológicos têm uma base fundamental nos mecanismos neurobiológicos. No que diz respeito à APM, os tratamentos ignoram quase sempre os aspetos biológicos ou focam-se exclusivamente em terapêuticas psicológicas ou farmacológicas. O presente estudo procura diagnosticar e caracterizar os níveis de ansiedade num grupo de 430 estudantes de conservatórios de música entre os 12 e os 14 anos de idade. Prevê também a necessidade de uma extensa intervenção terapêutica usando protocolos tradicionais e inovadores de terapia cognitiva comportamental (TCC) e neurobiológica, e a validação dos seus efeitos na performance dos participantes. Este projeto pretende reunir instituições e investigadores de áreas complementares: Psicologia da Música, Performance Musical, Psicologia Clínica, Psicologia da Educação e Neurociências. O objetivo comum é o de articular o conhecimento e a prática de diferentes disciplinas para desenhar, implementar e validar uma intervenção inovadora que seja útil para estudantes e professores de música desde um nível básico de desenvolvimento musical.

## **MUS-A: MUSIC PERFORMANCE ANXIETY IN ADOLESCENTS**

***Sofia Serra***

Departamento de Comunicação e Arte, Universidade de Aveiro (INET-md)  
sofia.serra@ua.pt

Having gained access to the highly competitive field of classical music training does not mean that the unique challenge for young musicians is to tame the complexity of instrument-specific motor skills. All the demands on the route to pursue professionally, or at least to a reasonable level, through the journey within a music conservatory, may have a pervasive impact on their functioning in both personal and professional domains. Both professional musicians and music students have one of the activities most likely to be affected by harmful levels of anxiety. Music Performance Anxiety (MPA) may affect up to half of the music students aging between 12 and 15 [1], many of which do not get the opportunity to self-perceive their limitations or access therapies, to acknowledge and overcome the harmful effects of MPA, leading to the abandonment of a music path. MPA has a wide reach at the psychological, cognitive, emotional and behavioral levels, and is

therefore difficult to define. One of the most consensual definitions is that of Kenny [2], according to which, music performance anxiety is the experience of marked and persistent anxious apprehension related to musical performance that has arisen through specific anxiety conditioning experiences. Although still neglected in current treatment approaches, psychological disorders have a critical basis in neurobiological mechanisms. Concerning MPA, most of the approaches either neglect the biological aspects or focus only on psychological or pharmacological treatment. This study approaches the MPA issue by diagnosing and characterizing the levels of anxiety within a group of 430 music students aged 12 to 14 years old within music conservatoires. Furthermore, this project addresses the need for an extensive therapeutical intervention using traditional and innovative protocols of Cognitive Behavior Therapy (CBT) and Neurobiological feedback and the validation of its effects on the participants' musical performance. This project gathers institutions and researchers from complementary areas: Music Psychology, Music Performance, Clinical Psychology, Educational Psychology, and Neurosciences. The common purpose is to articulate knowledge and know-how from different disciplines to design, implement, and validate an innovative intervention that is useful for music students and teachers at an early stage of music development.

#### **Referências bibliográficas/References:**

[1] StGeorge, J. (2005). *The Musical Dropout: a new perspective Australian Association for Research in Music Education: proceedings of the XXVIIth Annual Conference, 13-27 sep 2005, Carlton Crest* [edited by Peter de Vries], pp. 01-09.

[2]. Kenny, D.T. (2009). Negative emotions in music making. Performance anxiety. In P. Juslin, & J. Sloboda, (Eds). *Handbook of Music and Emotion: Theory, Research, Applications*, pp. 425-451. Oxford University Press.

### **CONTRAPUNTO “A LA MENTE” Y ARMONÍA “ENTONADA”: UN ENCUENTRO ENTRE LA INTUICIÓN Y LA COMPRENSIÓN MUSICAL**

**Eduardo Pedro Díaz Lobatón**

Conservatório Superior de Música de Madrid  
epdlobaton@yahoo.es

Con este título he pretendido describir el objetivo de la propuesta metodológica que aplico en mis clases de Educación Auditiva en el conservatorio superior de música de Madrid. He evitado la palabra “improvisación”, tal vez de manera inconsciente, a pesar de que la clase práctica se basará precisamente en el contrapunto ‘improvisado’, y la razón de ello no radica tanto en el menosprecio decimonónico del término improvisación frente al de obra de arte “acabada”, sino en cierto uso de este término en la pedagogía musical, en donde a veces, objetivos de motivación, ambiente creativo, etc., en las clases de música han pretendido justificar afirmaciones del tipo “el componer música es algo que está tan al alcance nuestro como cualquier otra cosa” (Schafer , 1983 p. 25), a pesar de entender que no estamos manejando el mismo concepto de improvisación cuando nos referimos, por ejemplo, a un músico de jazz con gran bagaje técnico y musical, que cuando empleamos la misma palabra en referencia a los balbuceos de un niño de cuatro años (Molina, 2008).

Pero volvamos a este ‘encuentro entre la intuición y la comprensión musical’.